

Valeska Freitas

Doutoranda em Teoria Literária, UFSC

Una imagen especular no tiene otra lógica autónoma más allá de la gratuita inversión de izquierda y derecha. Por el contrario, la ciudad periférica no es mimética, sino que responde a una lógica interna.

R. Morse. (*Ciudades 'periféricas' como arenas culturales: Rusia, Austria, América Latina*).

I. Convite à viagem

Gostaria de propor um jogo crítico-ficcional para promover o encontro entre os discursos de Flávio de Carvalho e Wladimiro Acosta. Como local para esse encontro não quero escolher o *IV Congresso Pan-americano de Arquitetos*¹ no qual os dois “efetivamente” estiveram presentes, mas cedo ao capricho de instalá-lo na valise² de Le Corbusier: mais precisamente, e recuando no tempo, naquela que ele carregava ao passar por São Paulo, vindo de Buenos Aires.

Esse jogo me foi suscitado por Beatriz Sarlo em seus textos sobre Roberto Arlt e os “sueños modernos de la cultura argentina”³. Para poder jogar com ela é que acrescento essas peças.

II. Vasculhando a valise

Quando Le Corbusier chegou a São Paulo em 1929, atravessou o centro da cidade e diagnosticou o mal que a ameaçava: “crise de circulação”: “Début de croissance. Indice catégorique; diagnostic indiscutable de la maladie du centre des villes”⁴.

Conforme lhe indicaram o perímetro urbano inflacionado (“45 kilomètres”) e a posição geográfica (recortada pelos fluxos viários de outras cidades: “Santos, Rio-de-Janeiro, etc.”), os sintomas deveriam se agravar progressivamente se o mal não fosse medicado. Sugere então aos “amis de São-Paolo” a construção de enormes rodovias cruzadas que atravessariam todo comprimento urbano “de colline à colline, de sommet à sommet”: eram “gigantesques viaducs” sustentados por estruturas de concreto armado que constituiriam “des bureaux au centre” e “des logements en périphérie”. Previa assim a preservação de grandes espaços livres “pour le sport et le parking des autos de petite circulation”. E num tom profético que costumava adotar em seus discursos prescritivos lançava a questão “y a-t-il rien de plus élégant que la ligne pure d’un viaduc dans un site mouvementé et de plus varié que ses substructures s’enfonçant dans les vallonnements à la rencontre du sol?”⁵.

Para compor o seu *vade mecum*” Le Corbusier aplicava um método lógico-dedutivo partindo de exigências objetivas (causas)⁶. O remédio para o caos social estava na ordenação das “formas” urbanas (deduzidas das “funções”), o que lhe permitia afirmar, em 1920, que “nas raízes da inquietude social de hoje existe uma questão de edificação: arquitetura ou revolução”⁷.

Essas “soluções” trazem a marca da problematização de questões qualitativas e estruturais que passam a ser contempladas insistentemente

pela “arquitetura moderna”⁸: deslocamento de construção para urbanização (esta última, interdisciplinar: convergência entre a própria arquitetura, a sociologia, a economia). E, como “disciplina” de tendência reformadora, o urbanismo adere aos ideais de igualdade (comunitários) contra a construção planejada de monumentos do Estado (arquitetura das instituições)⁹.

Evidentemente as cidades são o eixo principal por onde passam os “problemas da cultura”: vértices que absorvem e disseminam os paradoxos de que é composta a modernidade:¹⁰ revolução/capitalismo, vanguarda/burguesia, técnica/tradição. Esses elementos dúplices formam o texto do entre-guerras - rede simbólica mas também campo metodológico¹¹ - lido atentamente pelos urbanistas.

III. Troca de valises

I. Flávio de Carvalho demonstraria uma persistente preocupação com a “crise” diagnosticada por Le Corbusier: ao analisar os planos urbanísticos elaborados em 1930 por Prestes Maia¹² para a cidade de São Paulo (que então atingira a população de um milhão de habitantes) concorda com a prioridade concedida ao problema da circulação, mas acredita ainda insuficientes as medidas sugeridas: “o plano apresentado é de pouca duração, não aguentará o surto da vida de amanhã”. Então, com seu habitual tom panfletário¹³, vaticina:

Será necessário criar novas leis. O rés-do-chão da cidade pertenceria todo à municipalidade, seria completamente aberto e os carros elétricos transitariam quase sem impedimento entre os apoios dos prédios, cortando o mais possível em linhas retas, aumentando

consideravelmente a velocidade, tornando maior a eficiência da vida e a conseqüente felicidade do homem¹⁴.

Sugerindo soluções mais “radicais”, Flávio dialoga com o racionalismo de Le Corbusier (e com seu plano traçado para São Paulo no ano anterior): ordena os fluxos criando uma via exclusiva para “transportes elétricos” separada daquela para pedestres e carros de passeio, preservando assim as específicas “velocidades do habitante¹⁵.

Mas o que talvez denuncie a “radicalidade” de seus projetos seja a colagem que ele constrói, numa sorte de pan-teoria urbanística, a partir de um processo de apropriação e reordenação de outras vozes com que também dialoga: Nietzsche, Darwin, Freud.

Se não houvesse outros méritos a apontar no pensamento de Flávio, poderíamos ainda afirmar que essa incursão audaciosa pela problemática que suscita (ou seja, a problemática da modernidade), lhe permite evitar uma certa ingenuidade do funcionalismo, o qual pensava poder resolver todos os problemas urbanos (e os problemas do homem do século XX) pela ordenação racional (função-forma) do caos material - sendo assim, a fabricação de casas, e não de canhões, poderia redimir a indústria, o planejamento, evitar a Revolução¹⁶, etc.

A tese defendida por Flávio no *IV Congresso Pan-americano* - “A cidade do homem nu”¹⁷ - não criticava apenas o caos urbano, tentava denunciar as contradições da sociedade moderna que se exacerbaram naquelas décadas de 20 e 30. Contra a escolástica, o pensamento cartesiano, as estruturas sociais (família, religião e propriedade), reivindica o resgate do

homem “primitivo”, de uma linhagem solar, dionisiaca, para fazer frente à “monotonia recalcada” da civilização ocidental. E propõe “a cidade antropofágica”¹⁸ como “metrópole da oportunidade, um centro de sublimação natural dos desejos do homem, um centro de reanimação de desejos exaustos (...) um grande centro de pesquisas (...) para conhecer a alma do homem, torná-la métrica e utilizá-la no bem-estar da cidade”, racionalizar as pulsões.

Também o problema do “fluxo” era contemplado pela “cidade do homem nu”: preocupação com a circulação rápida e fácil, considerando o movimento (físico e mental, para não dizer “espiritual”)¹⁹ como sinônimo de mudança e energia (questão “econômica”). “O homem máquina do classicismo moldado na repetição” é tomado pela fadiga e “perecerá asfixiado na seleção lógica”. Portanto, as necessidades do homem, devidamente calculadas e ordenadas, deveriam ser dispostas em círculos concêntricos, “por ser a disposição concêntrica mais igualmente acessível a todos”.

Cada centro proveria alguma “necessidade” do homem nu: “um centro de sublimação natural dos desejos do homem, um centro de reanimação de desejos exaustos; um grande centro de produção de vida orgânica, de seleção e distribuição desta vida em forma de energias útil ao homem”, e, como “única autoridade constituída”, um “grande centro de pesquisas” que “domina e ordena todas as energias da metrópole” como um “deus mutável, o deus em movimento contínuo, o deus símbolo do desejo maravilhoso de penetrar no desconhecido”. Este último envolveria todos os outros círculos formando um “anel externo e concêntrico (...) o primeiro anel da cidade”.

Se a cidade do homem nu é “toda ela a casa do homem”, Flávio propõe a ampliação do conceito de “máquina de morar” de Le Corbusier ao criar - contra o “mecanismo escolástico” - “uma grande máquina de idéias”

como imagem de cidade.

2. Beatriz Sarlo nos faz notar o caráter “mediado” do olhar que, entre o fim dos anos 20 e início dos 30, lançam sobre a cidade de Buenos Aires os arquitetos estrangeiros Le Corbusier e Wladimiro Acosta²⁰ e o “engenheiro ficcional” Estanislao Balder, personagem de Arlt em *El amor brujo*. Esse olhar “inventa” o que “vê” a partir de um diálogo com a técnica e com as projeções de futuro que propõem as vanguardas européias (arquitetura, artes plásticas e, no caso de Acosta e de Arlt, Cinema); projeta sobre a Buenos Aires “empírica” uma “ciudad imaginada, la ciudad futura”; descarta o presente, que passa a ser “um borrador o un fondo escenográfico”; e instaura o “vazio de la historia”.

O “invento arltiano” de Acosta, o city-block, pretendia projetar “el orden racionalista de una vida regimentada por la tecnología y la arquitectura” sobre “(el) desorden oscuro y sucio” no qual se encontrava Buenos Aires. “El desorden” provocado pela “fuerza de la tradición y del capitalismo” que prevalecia na cidade “sobre las (infinitas) posibilidades técnicas”.

Partindo da idéia de que o arranha-céu é individualista, a “extrema expresión arquitectónica del capitalismo”, o city-block buscava soluções comunitárias para a cidade que sofria com “edificaciones de pisos mezclados caóticamente con las casas bajas”, com “calles estrechas, taponadas por los autos detenidos”, tornando a multidão anônima e agressiva “victima (...) de la impureza del aire, del turbio humo de los vehículos”, e da falta de luz “provocada por un trazado urbano donde las nuevas casas se adaptan mal en sus dimensiones y orientación”.

A invenção de Acosta respondia à “crise de circulação” que ele divisava em Buenos Aires. Sua proposta, além de separar os fluxos - deixando

o rés-do-chão livre para os pedestres -, criava uma via vertical de circulação. Se Le Corbusier tentava modificar a estrutura da cidade (que acabava por inflacionar infinitamente o centro fazendo recuar a periferia) com sua tese "Les trois établissements humains" de 45; Acosta, entre os anos 20 e 30, influenciado pelo cinema expressionista alemão, imaginava uma mudança total na organização da cidade: sua "utopia" - dividindo a cidade em "dos zonas superpuestas: inferior, de trabajo; superior, de vivienda" - parece inverter a distopia de Fritz Lang em *Metrópolis* ao lançar suas construções em forma de T na direção do sol.

3. Podemos traçar agora as duas linhas que compõem o vértice em que *Flávio e Acosta* se encontram: uma é o trajeto de Le Corbusier de Buenos Aires a São Paulo portando sua "valise"; a outra, que em parte está em dívida com aquela (dentro da "valise"), é a que se trama pelos discursos das vanguardas européias: viajando pelas utopias solares dos nossos "urbanistas periféricos" (mais "valises"), talvez como resposta a um vazio - estimulado pelo estranhamento de estrangeiro (ao qual Flávio antropófago não está imune) que obriga estes arquitetos a "inventarem" a cidade que habitam. Neste ponto, Flávio de Carvalho e Wladimiro Acosta tangenciam novamente Le Corbusier.

IV. Chegada no espelho ou às avessas

Le Corbusier assim descreve sua "descoberta" solar de Buenos Aires:

Suponho encontrar-me na proa de um barco com todos os passageiros, também com os imigrantes, tocando a terra

prometida. Com esse mesmo pastel amarelo desenho os cinco arranha-céus de 200 metros de altura alinhados sobre um fundo surpreendente, fluido de luz. Uma vibração amarelace tudo ao redor. Cada um deles alberga 30.000 empregados (...) Na água do Rio desenho as balizas luminosas e, no céu argentino, o Cruzeiro do Sul precedido de milhares de estrelas. Imagino a grande esplanada a pique sobre o Rio (...) onde o nome de Buenos Aires reconquistou o direito de ver o céu, e ver o mar.

No entanto, a estadia na cidade lhe causa um crescente desconforto, sente-se vítima de um sortilégio: o crescimento urbano em direção ao vazio do pampa engole o seu mar (o que ele alucinou nas águas do Prata). A “terra prometida”, na “primeira manhã do novo mundo”, é a imagem que reflete um espelho distorcido: o erro e o paradoxo.

Sua relação com a cidade é de transferência e resistência: parece repulsivo o ritmo sincopado desse “progresso” que “mostra las huellas de una modernización que aún no pudo encontrar su plan ni su estética”, melhor seria que em seu lugar estivesse o vazio (invenção do estrangeiro como metáfora da América). A imagem é paradoxal porque sobrepõe à promessa do sol - do sul - em amarelo, a fumaça escura que envolve uma caricatura infernal de urbanização. Mas talvez pudéssemos interpretar que essa imagem funcione como um “revelador” do futuro, já que, o progresso esperado por Le Corbusier nunca cessou de produzir seu “lixo periférico”, como atestam as grandes metrópoles cercadas de guetos da atualidade.

Notas

1. O *IV Congresso Panamericano de Arquitetos* que se realizou no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte em 1930, contou com a participação de Flávio de Carvalho, que apresentou sua comunicação como “delegado antropófago”. No mesmo Congresso estava presente Vladimiro Acosta, que, segundo suas próprias palavras, silenciou “por não desejar perturbar a harmonia unilateral reinante”. Ver: LEITE, Rui Moreira. *Flávio de Carvalho (1899-1973): entre a experiência e a experimentação*. São Paulo, USP, 1994. p. 19-22. (mimeo).
2. Como “valise” quero designar a bagagem simbólica que circula montando (colando) e disseminando textos.
3. Os textos a que me refiro são: “Arlt: ciudad real, ciudad imaginaria, ciudad reformada”. In: Punto de vista. no 42. Buenos Aires, abril de 1992. p. 15-21 e “Arlt: la técnica en la ciudad”. In: *La imaginación técnica: sueños modernos de la cultura argentina*. Buenos Aires, Nueva Vision, 1992. p. 43-64.
4. LE CORBUSIER. “Corollaire brésilien... qui est aussi uruguayen”. In: *Précisions sur un état présent de l'architecture et de l'urbanisme*. Paris, Vincent, Fréal, 1960. p. 240.
5. IDEM. p. 240-242.
6. Ver: ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p. 264.
7. LE CORBUSIER. “Hacia una nueva arquitectura: principios directrices”. In: *Programas y Manifiestos de la Arquitectura del siglo XX*. Org: Ulrich Conrads. Barcelona, Lumen, 1973.
8. Le Corbusier não só é “marcado” pelas questões de seu tempo: em grande parte essas questões foram suscitadas por ele. Argan assim descreve sua “atuação”: “magnífico agitador cultural, uma inesgotável fonte de idéias, (...) teórico, polemista combativo e brilhante, propagandista incansável (...)

transformou o problema do urbanismo e da arquitetura num dos grandes problemas da cultura do séc. XX". (grigo meu). IDEM. p. 265.

9. IDEM p. 185-189. Também segundo Argan, para Le Corbusier "a sociedade (é) fundamentalmente sadia, e sua ligação com a natureza originária é ineliminável; o urbanista-arquiteto tem o dever de fornecer à sociedade uma condição *natural* e ao mesmo tempo *racional* de existência, mas sem deter o desenvolvimento tecnológico, pois o destino natural da sociedade é o progresso". p. 265.

10. Richard Morse interpreta as cidades como "crisoles para el cambio", palcos para a representação, (inscrição) de um "ataque cognoscitivo a las contradicciones de la modernidad", que pode definir (ainda que "parcialmente") o modernismo nas "artes" e nas "letras". Ver: MORSE, Richard. "Ciudades 'periféricas' como arenas culturales (Rusia, Austria, América Latina)". Trad.: Ernesto Leibovich. In: MORSE, Richard e HARDOY, Jorge E. *Cultura urbana latinoamericana*. Buenos Aires, Clacso, 1985. p. 39-62.

11. Ver a definição de "texto" para Roland Barthes em seu ensaio "Da obra ao texto". In: *O Rumor da Língua*. Pref.: Leyla Perrone-Moisés. Trad.: Mario Laranjeira. São Paulo, Brasiliense, 1988. p. 71-72. Gostaria de me remeter também a Michel de Certeau que concebe a "escritura-leitura" como uma prática cultural do habitante da cidade: assim a rua (ou a cidade como um todo) é um texto que o passageiro lê e rasura - traça sua própria grafia: calca seu percurso como um grafite. Ver: "Caminhadas pela cidade" e "Ler uma operação de caça" in: *Invenção do cotidiano*. Ed. Luce Giard. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1994. "O imaginário da cidade" e "O lugar onde se discute a cultura" in: *A cultura no plural*. Trad.: Enid Abreu Dobránszky. São Paulo, Papirus, 1993.

12. Ver: DAHER, Luiz Carlos. *Flávio de Carvalho: arquitetura e*

expressionismo. São Paulo, Projeto, 1982. p. 34.

13. “As *vanguardas* são um fenômeno típico dos países culturalmente menos desenvolvidos e apresentam-se como rebelião contra a cultura oficial geralmente moderada, aproximando-se dos movimentos políticos progressistas. Seus esforços, embora intencionalmente revolucionários, em geral, reduzem-se a um extremismo polêmico”. In: ARGÁN, Giulio Carlo. Opuscitado. p. 313. Talvez fosse interessante pensar nas causas dessas “críticas periféricas” às posições hegemônicas da “cultura oficial” (“desenvolvida”) e portanto à adesão dos “países culturalmente menos desenvolvidos” ao vanguardismo. Pensar também nas causas, não menos hegemônicas, que fazem com que seus “esforços revolucionários” acabem considerados como “extremismo polêmico”. E para pensar essas questões ver a posição de Richard Morse no texto anteriormente citado.

14. CARVALHO, Flávio de. “São Paulo, a metrópole de amanhã”. *Diário da Noite*. 6/jun./1930. In: DAHER, Luiz Carlos. Opus citado.

15. Na década de 50, Flávio sugere a implantação de vias subterrâneas radiais partindo do grande centro (“onde se encontram os grandes bancos e as grandes empresas, as grandes repartições públicas”) e cercadas pelo que ele chama de “grande cinta teórica”, que funcionaria como “uma caixa de câmbio bem lubrificada, projetada para mudar a velocidade do habitante da cidade”; assim seria possível separar ordenadamente as velocidades apropriadas para cada situação de locomoção. Ver: CARVALHO, Flávio. “Descongestionamento das cidades-trânsito”. *Diário de São Paulo*. 22/ dez./1955. e “Mudanças na velocidade do habitante - A cinta teórica e as estações subterrâneas”. *Diário de São Paulo*. 11/jan./1956.

16. Flávio efetivamente criticou a repetição de uma ordem hegemônica (a massificação, a série) nos movimentos arquitetônicos europeus, dos quais

Le Corbusier era o arauto: “Aparecem na Europa alguns movimentos revolucionários de arquitetura, porém todos esses movimentos tendem à estandarização da arquitetura, isto é, à repetição em massa (...) Contrariamente ao que muitos pensam, Le Corbusier é um clássico da arquitetura. A arquitetura de amanhã baseia-se numa outra ordem de idéias (...) Esboça-se no mundo um desejo universal por um novo sistema social, o homem compreendeu que viver é mudar rapidamente, é conhecer aquilo que ele ainda não conhece”. Ver: CARVALHO, Flávio de. “A arquitetura numa concepção audaciosa”. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 28/jun./1930. In: DAHER, Luiz Carlos. Opus citado. p. 36-37.

17. CARVALHO, Flávio de. “A cidade do homem nu”. *Diário da Noite*. São Paulo, 1/7/1930. In: DAHER, Luiz Carlos. 1982. Op. cit. p. 99-103.

18. A “cidade antropofágica” é aquela em que os “filhos do sol”, de Oswald, podem viver, aqueles que transformam permanentemente “o totem em tabú”: “contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud”: *homens nus*. Ver: ANDRADE, Oswald. “Manifesto Antropófago”. *Revista de Antropofagia*. Ano I, nº 1, maio de 1929. p. 7.

19. Aqui quero me remeter ao caráter “expressionista” do pensamento de Flávio; tomo então o “espiritual” no sentido que lhe confere Kandinsky de “não-racional”: “o não-racional é a totalidade da existência, na qual a realidade psíquica não se diferencia da realidade física”. Ver: ARGAN, Giulio Carlo, op. cit. p. 318.

20. Nascido suíço e Charles-Édovard Jeanneret, Le Corbusier passa a ser um “estrangeiro” francês a partir da adoção desse pseudônimo pelo qual é conhecido. Wladimiro Acosta, “estrangeiro” argentino, quando “era russo” se chamava Vladimir Constantinovsky.